




## RELATO DE HERALDO DE ABREU COUTINHO

HERALDO DE ABREU COUTINHO

Meu nome é Heraldo de Abreu Coutinho, nasci no Rio de Janeiro em 17 de dezembro de 1930.

Vim para Brasília, no ano de 1958, pela companhia americana RCA Victor Radio S.A, na qual trabalhava para instalar os equipamentos eletrônicos para inauguração da nova capital.

A RCA foi a empresa vencedora da licitação, junto à Novacap, para fornecer e instalar os equipamentos eletrônicos para inauguração de Brasília em 21 de abril de 1960. Três equipes foram enviadas, compostas por engenheiros e técnicos, para efetuar os trabalhos de micro-ondas, rádio, TV e sonorização. Eu pertencia à de sonorização. Iniciei as instalações do Congresso Nacional pela Câmara dos Deputados, tendo em vista que a solenidade de inauguração seria naquele local. Sonorizamos o Plenário e toda a Casa, inclusive a Taquigrafia e o Comitê de Imprensa.





Cabe ressaltar que as instalações e sonorização, tanto da Câmara como do Senado, ficaram prontas e foram entregues para a inauguração em 21 de abril de 1960.

Após a inauguração de Brasília, começaram os trabalhos legislativos, e aí foram surgindo as dificuldades. O Senado não tinha funcionários habilitados para manutenção do sistema eletrônico e, por esse motivo, fui chamado pelo então diretor-geral do Senado, Evandro Viana, para dar cobertura necessária a esse serviço,

atendendo toda a Casa. Eu ainda trabalhava para a RCA, estava cumprindo o período de dois anos de garantia dos equipamentos instalados, então tive que dar conhecimento da situação para a companhia à qual pertencia. Eles autorizaram que eu desse cobertura durante o período da garantia. Foi desse modo que comecei a trabalhar no Senado Federal.

Como eu não era remunerado pelo Senado, o então presidente, Auro de Moura Andrade, determinou ao diretor-geral que contratasse, em regime pró-labore, os meus serviços. Durante esse período, organizei os serviços de operação e manutenção eletrônica do Senado, dando treinamento aos novos funcionários para trabalhar na área.

Nessa época, minha situação funcional era confortável, recebia um excelente salário pela RCA e o pró-labore do Senado.

Coincidentemente, com o término da garantia, a RCA encerrou seus trabalhos no Brasil em decorrência de uma lei do deputado Celso Brant, que proibia remessa de lucros de companhias estrangeiras para o exterior.

Com o encerramento da RCA no Brasil, fiquei desempregado, e o Senado, que já vinha tentando me admitir como funcionário, me efetivou. Em 1962, passei a ser funcionário estatutário do Senado Federal e, em 1º de setembro de 1973, fui nomeado diretor permanente da Subsecretaria Técnica de Operações e Manutenção Eletrônica, na presidência do senador Petrônio Portella.

No início, na gestão do presidente Moura Andrade, o fato mais relevante em relação ao meu trabalho foi a criação da Radiodifusão, o primeiro meio de divulgação dos trabalhos dos senadores por meio da *Voz do Brasil*, cujo projeto, execução, equipamentos,



manutenção e transmissão eram da minha responsabilidade e a de divulgação pelos jornalistas.

As primeiras gravações da *Voz do Brasil* foram realizadas de forma provisória no Plenário do Senado, até que ficassem prontos os estúdios definitivos da Radiodifusão localizados no 16º andar do Anexo I.

O Congresso Nacional sempre desejou criar um canal independente para divulgar seus trabalhos. Atendendo a esse anseio, a Mesa Diretora do Senado, por meio do projeto do senador Pessoa de Queiroz, aprovou a criação da Rádio do Congresso Nacional, que só

não se concretizou devido ao Regime Militar. Nessa oportunidade, fui convidado para ser o diretor da Rádio.

Em 1986, apresentei ao diretor-geral do Senado um projeto para criar uma central de vídeo para dotar a Secretaria de Comunicação Social de um sistema moderno de divulgação dos trabalhos jornalísticos da Casa. Esse projeto só foi autorizado para execução em 1991, ano em que me aposentei.

A Subsecretaria de Operações e Manutenção Eletrônica era responsável pela operação, manutenção dos aparelhos eletrônicos, gravação, cobertura do Plenário, comissões, entre outros, dando cobertura a toda a Casa, e, ainda, pela elaboração e execução dos projetos eletrônicos.

No decorrer dos anos, o Senado foi crescendo e obras sendo realizadas, e, quando isso acontecia, a minha diretoria participava com projetos, instalações etc. A gestão do senador Petrônio Portella foi um período de ampla reforma no Senado, e eu participei com meus trabalhos. E, na gestão do presidente Luiz Viana Filho, quando foi construído o prédio das comissões, eu participei também.

Sobre o Senado do meu tempo, algumas coisas mudaram, começando pelo espaço físico, que era bem menor do que hoje. A quantidade de funcionários também era bem menor, chegando ao ponto de o diretor da Contabilidade, Luiz Monteiro, conhecer todos pelo nome e saber a função de cada um. Era uma irmandade! Cargo de direção só podia ser exercido por funcionário estatutário, não havia cargo comissionado.

O gabinete dos senadores era composto por: um chefe de gabinete, um subchefe, dois funcionários burocráticos, um contínuo e um motorista.

Na hora do expediente, o funcionário não podia sair do setor, somente se o chefe permitisse. Motorista e contínuo usavam fardas fornecidas pelo Senado. Às 15 horas, era servido o lanche pela copeira do setor. O serviço de limpeza era realizado por funcionário da Casa. Todos os funcionários tinham que seguir regras em seus trajes: homem, de terno e gravata, e as mulheres não podiam usar minissaia, calça comprida, decotes e roupas transparentes.

Fato que me marcou no Senado foi a invasão do Congresso em 1966, sob o comando do general Meira Mattos. A tropa de militares chegou e se posicionou em toda a extensão onde ficam as bandeiras, em frente ao Congresso, para prender o presidente Moura Andrade. Uns capitães acompanhados por dois soldados entraram em direção ao Gabinete do Presidente, mas não foram bem-sucedidos porque o senador se valeu da Constituição, de forma que tudo terminou bem.

Como funcionário do Senado Federal, fui agraciado com a medalha José Bonifácio pelo presidente Petrônio Portella.

Nesta oportunidade, gostaria de dizer que sempre trabalhei honrando a Casa e, ao me aposentar, deixo aqui registrado o meu sentimento de dever cumprido.



*Quadro com ilustração da Rádio do Congresso Nacional*